

LESLEY PEARSE

A PROMESSA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

ASA

CAPÍTULO 1

Julho de 1914

Abrigado da chuva num toldo, olhou para a montra em arco da pequena chapelaria, do outro lado da rua.

Só de ver o nome «Belle» escrito em itálico com letras douradas por cima da montra sentiu o coração bater um pouco mais depressa. Havia duas senhoras no interior da loja, e a maneira como se mexiam sugeria que estavam entusiasmadas com os bonitos chapéus em exposição. Tinha realizado o seu objetivo, saber se Belle concretizara o seu sonho, mas agora que estava ali, tão perto dela, queria mais, muito mais.

Uma senhora gorducha e de faces rosadas juntou-se-lhe no toldo, para fugir à intempérie. Debatia-se com um chapéu de chuva que o vento virara do avesso.

– Se não para de chover em breve, vão-nos crescer barbatanas no lugar dos pés – comentou jovialmente, enquanto tentava endireitar o chapéu de chuva. – Nem sei o que me deu para sair de casa com um dia assim.

– Estava a pensar o mesmo – respondeu ele, e tirou-lhe o chapéu de chuva das mãos para endireitar as varetas. – Aqui tem – acrescentou, devolvendo-lho. – Mas receio que a próxima rajada de vento torne a virá-lo.

A mulher examinou-o com curiosidade.

– É francês, não é? Mas fala muito bem inglês.

Ele sorriu. Gostava da maneira como as mulheres inglesas daquela idade não hesitavam em fazer perguntas a um perfeito desconhecido. As francesas eram muito mais reticentes.

– Sim, sou francês, mas aprendi inglês quando cá vivi um par de anos.

– Voltou de férias? – perguntou ela.

– Sim, para visitar velhos amigos – disse ele, porque era em parte verdade. – Disseram-me que Blackheath era um lugar muito bonito, mas ainda não consegui apanhar um dia bom para conhecer a terra.

Ela riu e concordou que ninguém ia de certeza querer passear pela charneca com um tempo daqueles.

– Deve viver no Sul de França – continuou, estudando-lhe o rosto bronzeado com um ar avaliador. – O meu irmão esteve de férias em Nice e voltou de lá negro como um tição.

Ele não fazia a mínima ideia do que pudesse ser um tição, mas ficou contente por a mulher parecer disposta a conversar. Talvez conseguisse ficar a saber alguma coisa a respeito de Belle através dela.

– Vivo perto de Marselha. E aquela loja ali faz-me lembrar as chapelarias francesas – disse, apontando para o outro lado da rua.

A mulher olhou para a loja e sorriu.

– Bem, dizem que a dona aprendeu o ofício em Paris, mas todas as senhoras da aldeia adoram os chapéus dela – disse, com genuína simpatia na voz. – Eu própria tinha pensado passar por lá hoje, se o tempo não estivesse tão mau. É uma jovem encantadora, sempre com tempo para toda a gente.

– Tem um bom negócio, então?

– Sem dúvida, ouvi dizer que vêm cá senhoras de todo o lado comprar chapéus. Mas é melhor ir andando, ou esta noite não há jantar lá em casa.

– Foi um prazer conversar consigo, minha senhora – disse ele, e ajudou-a a abrir novamente o chapéu de chuva.

– Devia ir até lá e comprar um chapéu para a sua esposa – disse a mulher, enquanto começava a afastar-se. – Não encontrará uma loja melhor, nem sequer em Regent Street.

Continuou a olhar para a loja do outro lado da rua, depois de a mulher ter desaparecido, na esperança de ver Belle, nem que fosse de relance. Não tinha uma mulher a quem comprar um bonito chapéu, nem precisava de desculpas para entrar na loja de uma velha amiga. Mas seria sensato remexer no passado?

Voltou-se para examinar o seu reflexo no vidro da montra a seu lado. Em França, os amigos diziam que tinha mudado naqueles dois anos decorridos desde a última vez que vira Belle, mas ele não notava qualquer diferença. Continuava esbelto e atlético: o trabalho duro na sua pequena quinta mantinha-o em forma e tinha os ombros ainda mais largos e musculados do que antes. Mas talvez os amigos se referissem ao facto de a velha cicatriz que lhe cruzava a face se ter desvanecido um pouco e à maneira como a tranquilidade e o contentamento lhe tinham suavizado as feições angulosas, fazendo-o parecer menos perigoso.

Dez anos antes, a meio da casa dos vinte, quando precisava de infligir medo às pessoas, ficava orgulhoso ao ouvir dizer que os seus olhos azuis eram gelados e que havia ameaça até na sua voz. Mas tinha-se afastado desse mundo, embora soubesse que continuava capaz de violência, quando era necessário.

Se os elogios que a senhora do guarda-chuva tecera a Belle eram representativos do que as pessoas daquela simpática aldeia pensavam dela, isso só podia significar que os aspetos mais escandalosos do seu passado não a tinham seguido até ali. O que era bom. Ele, mais do que ninguém, tinha consciência de como erros antigos, más escolhas e episódios vergonhosos eram tantas vezes difíceis de pôr para trás das costas.

Agora, cumprida a sua missão, sabia que o mais sensato a fazer era voltar à estação e apanhar o comboio de regresso a Londres.

*

O tilintar da campainha da porta avisou-o de que alguém saía da loja de Belle. Eram as duas senhoras, que calculou serem mãe e filha, porque uma teria quarenta e poucos anos e a outra não devia ir além dos dezoito. A mais jovem correu para um automóvel que as aguardava levando na mão duas chapeleiras às riscas pretas e cor-de-rosa, enquanto a mais velha voltava a cabeça para o interior da loja, como que a dizer adeus. E então, de repente, viu Belle aparecer à porta, tão elegante e encantadora como a recordava, com um muito recatado vestido verde-pálido de gola alta, o cabelo negro e brilhante preso no alto da cabeça num bonito penteado de que só uns quantos caracóis escapavam para lhe emoldurar o rosto.

Subitamente, já não queria ser sensato, tinha de falar com ela. Os tambores de guerra que haviam começado a rufar um ou dois anos antes soavam cada vez mais alto, e com o assassinio do arquiduque Francisco Fernando da Áustria, em finais de junho, o conflito tornara-se inevitável. A Alemanha iria certamente invadir a França, e ele teria de lutar pelo seu país e era muito possível que não vivesse para tornar a ver Belle.

Enquanto o carro das duas mulheres se afastava, Belle fechou a porta da loja. Incapaz de resistir ao impulso, agora que ela estava sozinha, atravessou a rua sob a chuva detendo-se apenas um ou dois segundos para a ver através do vidro. Estava de costas para ele, a arranjar alguns chapéus em pequenos expositores. Havia uma fila de botões de pérola ao longo das costas do vestido, e o pensamento de que nunca seria ele a desapertá-los despertou nele uma pontada de ciúme. Belle inclinou-se para apanhar uma chapeleira do chão e ele teve um vislumbre dos seus elegantes tornozelos acima dos bonitos botins rendados. Vira-a nua quando a salvara em Paris, e sentira apenas preocupação por ela, mas naquele instante a visão de uns breves centímetros de perna foi o bastante para o excitar.

Belle voltou-se quando a campainha da porta tilintou e, ao vê-lo, levou as mãos à boca e abriu muito os olhos, de choque e surpresa.

– Étienne Carrera! – exclamou. – Que fazes tu aqui?

A voz dela, o azul profundo dos seus olhos e até a maneira como dissera o nome dele fizeram-no fraquejar de desejo.

– Sinto-me lisonjeado por te lembrares de mim – disse, tirando o chapéu com um floreado. – E tu estás cada vez mais bonita. O êxito e a vida de casada ficam-te bem.

Avançou um par de passos, com a intenção de a beijar na face, mas ela corou e recuou, como que envergonhada.

– Como soubeste que estava casada e a viver em Blackheath? – perguntou.

– Fiz uma visita ao Ram's Head, em Seven Dials. O novo proprietário disse-me que tinhas casado com o Jimmy e ido viver para Blackheath. Não podia deixar Inglaterra sem voltar a ver-te, de modo que apanhei o comboio e vim até cá na esperança de te encontrar.

– Depois de tudo o que fizeste por mim, devia ter-te escrito quando me casei – disse ela, a parecer simultaneamente ansiosa e atrapalhada pelo súbito aparecimento dele. – Mas...

– Compreendo – disse ele, num tom ligeiro. – Os velhos amigos que passaram por tanta coisa juntos não precisam de explicações. Sempre soube, pela maneira como o Jimmy nunca desistiu de te procurar depois de teres sido raptada, que deve amar-te muito. Por isso, estou feliz por as coisas terem corrido bem entre vocês os dois. Ouvi dizer que ele e o tio têm um *pub* aqui na aldeia.

Belle assentiu.

– É o Railway, ao fundo da colina. Lembras-te com certeza de eu te ter falado da Mog, a governanta da minha mãe. Bem, casou com o Garth, o tio do Jimmy, há dois anos, em setembro, e eu e o Jimmy casámos pouco depois.

– E conseguiste finalmente ter a tua loja de chapéus! – Étienne olhou com um sorriso apreciador para a decoração em tons de rosa-pálido e bege. – É encantadora, tão feminina e chique como tu. Uma senhora lá fora disse-me que nem em Regent Street é possível encontrar chapéus mais bonitos.

Ela sorriu e pareceu relaxar um pouco.

– Porque é que não despes essa gabardina encharcada enquanto eu faço um chá para nós? – Dirigiu-se a uma pequena divisão nas traseiras da loja e de lá perguntou: – Ainda tens a quinta?

Étienne pendurou a gabardina num cabide junto à porta e ali-sou com as mãos o cabelo louro e molhado.

– Tenho, pois. Mas também faço algumas traduções, e foi por isso que vim a Inglaterra, para falar com as pessoas de uma editora para a qual já trabalhei aqui há anos.

– Portanto, a tua vida agora é mais do que galinhas e limoeiros – afirmou ela, voltando à loja. – Por favor, diz-me que te tens mantido no caminho reto e estreito.

Ele levou a mão ao coração.

– Juro que me tornei um pilar da melhor sociedade – disse, num tom grave e com os olhos a faiscar. – Nunca mais escoltei rapariguinhas até à América nem salvei nenhuma das garras de loucos.

Nunca se perdoara por não ter resistido quando os *gangsters* para quem trabalhava na altura o tinham obrigado, através de chantagem, a entregar Belle num bordel de Nova Orleães. Talvez se tivesse redimido em parte quando, dois anos mais tarde, a salvara em Paris, mas, a seus olhos, isso não bastara para apagar o passado.

– Não acredito que possas alguma vez ser um pilar da sociedade – riu Belle.

– Duvidas da minha palavra? – exclamou ele, a fingir-se ofendido. – Devias envergonhar-te, Belle, por teres tão pouca fé! Alguma vez te menti?

– Bem, uma vez disseste que me matavas se tentasse fugir – retorquiu ela. – E mais tarde admitiste que era mentira.

– Ora aí está o grande problema das mulheres – suspirou ele. – Lembram-se sempre das pequenas coisas sem importância. – Estendeu a mão e tocou num minúsculo chapéu emplumado que estava num expositor, encantado por a determinação e o talento

dela terem dado frutos. – Agora é a tua vez de dizer a verdade. O teu casamento é tudo o que esperavas?

– Isso é muito mais – respondeu ela, um tudo-nada demasiado depressa. – Somos muito felizes e o Jimmy é o melhor dos maridos.

– Fico feliz por ti – disse ele, e fez uma pequena vénia.

Belle voltou a rir.

– Ficas? Tens uma mulher na tua vida? – perguntou.

– Nenhuma suficientemente especial para assentar.

Ela arqueou as sobrancelhas, numa interrogação.

Ele sorriu.

– Não faças essa cara, nem toda a gente quer casamento e estabilidade. Sobretudo com a guerra que aí vem.

– Com certeza que vai ser possível evitá-la – disse ela, esperançosa.

– Não, Belle. Não há a mínima hipótese disso. É uma questão de semanas.

– Os homens não falam de outra coisa. – Belle suspirou. – Estou tão farta. Mas ouve, porque é que não vens agora comigo para eu te apresentar o Jimmy, o Garth e a Mog? Eles iam ficar tão contentes por te conhecer, ao fim de tanto tempo.

– Não me parece que fosse apropriado.

Belle fez beicinho.

– Porque não? Salvaste-me a vida, em Paris, e eles vão ficar muito desapontados e intrigados quando souberem que estiveste cá e não foste visitá-los.

Ele olhou-a pensativamente por um instante.

– Quando te mudaste para aqui, deixaste o passado para trás.

Belle abriu a boca para protestar mas voltou a fechá-la, ao aperceber-se de que ele tinha razão. No dia em que casara com Jimmy fechara definitivamente a porta ao tempo que tinha vivido na América e em Paris. Étienne podia ter voltado a abri-la ao aparecer para a ver, e ela estava contente por ele o ter feito, mas Jimmy podia não encarar as coisas da mesma maneira.

– E o Noah? – perguntou. – Vais vê-lo? Tornaram-se tão bons amigos quando andavam à minha procura, e tenho a certeza de que te lembras da Lisette, que cuidou de mim no convento antes de me levares para a América. O Noah apaixonou-se por ela, casaram e estão à espera de um filho. Têm uma casa encantadora em St. John's Wood.

– Tenho-me mantido em contacto com o Noah – disse Étienne. – Talvez não tão frequentemente como devia, mas ele é jornalista e tem muito mais facilidade em escrever do que eu. Se bem que seja agora um colunista tão famoso que até posso ler os trabalhos dele em França. A verdade é que vamos almoçar juntos amanhã, num restaurante perto do jornal. Seremos sempre amigos, mas não vou a casa dele. Ambos sentimos que aquilo que a Lisette menos precisa é de coisas que lhe recordem o passado, especialmente com um filho a caminho.

Belle esboçou um sorriso triste, compreendendo exatamente o que ele queria dizer. Também Lisette fora forçada à prostituição quando era uma rapariguinha, e por isso se mostrara tão carinhosa para com ela.

– A respeitabilidade paga-se caro. Gosto muito do Noah e da Lisette, mas apesar de nos mantermos em contacto, e de nos visitarmos de vez em quando, temos sempre o cuidado de não falar da forma como nos conhecemos. Sei que é o melhor, agora que tanto eu como a Lisette estamos casadas, mas isso não nos impede de sermos bastante amigas.

– O passado afeta a tua relação com o Jimmy? – perguntou Étienne, os olhos fixos nos dela, a desafiá-la a mentir-lhe.

– Por vezes – admitiu Belle. – É como termos uma farpa espetada num dedo e não conseguirmos tirá-la. Estamos sempre a senti-la, e a mexer-lhe.

Étienne assentiu. Pensou que a descrição dela era bem adequada.

– Comigo acontece o mesmo. Mas, a seu tempo, a farpa acaba por sair e o buraco que deixa enche-se de novas recordações.

De repente, Belle riu.

– Porque é que estamos a ficar tão sombrios? Para todos nós... para mim, para ti, para a Mog e também para a Lisette... apesar de todos os problemas que tivemos, alguma coisa boa resultou de tudo o que aconteceu. Porque serão as pessoas tão perversas que só gostam de lembrar os maus tempos?

– São os maus tempos que recordamos, ou os bons momentos que nos ajudaram a aguentar os maus tempos? – perguntou ele, a arquear uma sobrancelha.

Belle corou, e ele soube que ela recordava até bem de mais os bons momentos que tinham partilhado.

Embora tivesse sido levada para a América contra a sua vontade, Belle servira-lhe de enfermeira quando ele enjoara durante a viagem. Muito antes de chegarem a Nova Orleães, tinham-se tornado amigos muito próximos, e na noite em que fizera dezasseis anos ela oferecera-se-lhe. Nem ele sabia como conseguira conter-se naquela noite, pois desejava-a, não obstante a mulher e os dois filhos que tinha em casa. A recordação do corpo dela, jovem e firme, nos seus braços, da doçura dos seus beijos, inflamara-o muitas vezes ao longo dos anos. No entanto, estava satisfeito por não ter sucumbido aos encantos de Belle naquela noite: já carregava consigo culpa suficiente, em relação a ela, para não precisar de lhe somar também aquilo.

– Sempre que leio qualquer coisa a respeito de Nova Iorque, lembro-me de como me mostraste a cidade – disse Belle. – Tenho de ter muito cuidado para nunca dizer que lá estive, ou talvez tivesse de explicar quando e com quem. Nunca te perguntei se também gostaste daqueles dois dias. Gostaste?

– Foram os melhores que tive em muito, muito tempo – admitiu ele. – Tu estavas tão espantada, tão desejosa de ver tudo. Custou-me muito continuar a viagem até Nova Orleães, sabendo que ia ter de te deixar lá.

– Não foi assim tão mau no Martha's – disse ela, pousando-lhe uma mão no braço para o tranquilizar. – Nunca te culpei, sempre

compreendi que tinhas sido obrigado a fazê-lo. E de qualquer modo, quando dois anos mais tarde, em Paris, entraste por aquela porta e me salvaste do Pascal, isso compensou tudo o resto.

Estremeceu involuntariamente, como lhe acontecia sempre que recordava o horror por que Pascal a havia feito passar. O louco aprisionara-a no sótão de sua casa, e ela não duvidava que a teria matado se Étienne não tivesse conseguido encontrá-la.

E Étienne não se limitara a salvá-la, tinha-a ajudado também a sarar sentando-se junto à sua cama no hospital, deixando-a chorar, conversando com ela e dando-lhe esperança no futuro. Também recordava o dia em que Noah lhe dissera que a mulher e os dois filhos dele tinham morrido num incêndio. Para sua vergonha, a sua primeira reação fora pensar que Étienne estava livre, em vez de se horrorizar pela maneira bárbara como aqueles que ele amava tinham morrido.

Étienne notou o estremecimento e, consciente de que a sua inesperada visita e a recordação do passado que partilhavam estava a perturbá-la, sentiu que tinha de trazê-los a ambos de volta ao presente.

– Vou alistar-me no exército quando regressar a França – disse.

– Oh não, claro que não vais! – exclamou ela.

Ele riu.

– As mulheres reagem sempre assim, mas é o meu dever, Belle. E mais uma vez o meu passado vai apanhar-me, porque fugi ao serviço militar obrigatório quando era rapaz, escapando para Inglaterra.

– Vão castigar-te por causa disso?

Ele sorriu.

– Espero que se contentem com pôr-me uma espingarda nas mãos – disse. – Não vou gostar da recruta e de ter de obedecer a ordens, e não sou suficientemente ingênuo para pensar que é o caminho para a glória, mas amo a França e macacos me mordam se vou ficar de braços cruzados a vê-la cair nas mãos dos Alemães.

Belle lançou-lhe um olhar especulativo.

– És hábil e corajoso, Étienne, darás um bom soldado. Mas eu ficava muito mais contente se continuasses na tua quinta a cultivar limões e a dar de comer às galinhas.

Étienne encolheu os ombros.

– Nesta vida, nem sempre podemos escolher a estrada mais segura e agradável. Tenho um passado violento, conheço o pior que os homens são capazes de fazer uns aos outros. Pensava nunca mais ter de usar esse conhecimento, mas parece ser exatamente o que o meu país precisa agora.

– És um homem bom e honrado. – Belle suspirou. – Por favor, tem cuidado. Mas se tens a certeza de que não queres ir comigo conhecer o Jimmy, são horas de fechar a loja e ir para casa. Gostamos sempre de jantar juntos antes de ele abrir o *pub*.

– Sim, claro, não te quero atrasar – disse ele, mas não fez menção de pegar na gabardina. Queria dizer-lhe que sempre a amara, queria abraçá-la e beijá-la. Mas sabia que era demasiado tarde. Tivera a sua oportunidade em Paris e não a aproveitara. Agora, ela pertencia a outro homem.

– É melhor saíres primeiro. Não quero que ninguém se lembre de me ver a descer a rua com um desconhecido – disse ela, francamente.

Étienne vestiu a gabardina.

– Encontrei o que procurava – disse em voz baixa. – Fiquei a saber que estás feliz e segura. Mantém-te segura, ama o Jimmy com todo o teu coração, e espero vir um dia a saber pelo Noah que tens um rancho de filhos.

Pegou-lhe na mão e beijou-a, e então deu meia-volta e saiu rapidamente da loja.

– *Au revoir* – murmurou Belle quando a porta se fechou, e as lágrimas arderam-lhe nos olhos, porque havia muito mais que teria gostado de lhe dizer, muito mais que teria gostado de saber a respeito da vida dele.